



SINOPSE DE CLIPPING SEMANAL – SINDISIDER

1ª SEMANA DE FEVEREIRO

O press release do SINDISIDER com informações sobre o fechamento do ano no setor de distribuição de aço continua recebendo destaque dos veículos de comunicação. O colunista gaúcho Danilo Ucha, do Jornal do Comércio, publicou os dados divulgados no Painel Econômico do último final de semana, dando ênfase à queda na importação do aço em 2011. A mesma notícia foi encontrada nos portais Brasil Mineral, Guia Marítimo, Ipesi Digital, Pack, Guia do Metal, entre outros.

O texto sobre a palestra que será ministrada por Gilson Bertozzo, divulgado pela SD&PRESS, foi publicado no site Rede Lajeado, do Rio Grande do Sul, e no portal da ABM.

O INDA foi mencionado em matéria do portal da ABM. De acordo com o veículo, o presidente da instituição, Carlos Loureiro, não tem grandes expectativas para o setor siderúrgico no primeiro trimestre de 2012.

Nas notícias do setor, destaque para matéria do DCI que faz uma análise sobre o mercado mundial de commodities metálicas. Segundo o veículo, as empresas estão realizando ajustes na produção, fechando unidades com baixa produtividade e desligando altos-fornos para evitarem mais perdas com queda na demanda.

Já o Valor Econômico dá ênfase à notícia sobre os investimentos da Companhia Siderúrgica Nacional (CSN) em uma nova unidade da Alemanha. A empresa adquiriu uma siderúrgica de aços longos por R\$ 1,1 bilhão. A nova unidade marca a entrada da CSN no mercado de aços longos e o avanço no processo de internacionalização da companhia.

01 – SINDISIDER

16 Sexta-feira e fim de semana
27, 28 e 29 de janeiro de 2012

Jornal do Comércio - Porto Alegre



Danilo Ucha
Painel Econômico



ucha@jornaldocomercio.com.br

Movelsul quer US\$ 300 milhões em negócios

A feira de móveis Movelsul, marcada para o final de março, em Bento Gonçalves, deverá movimentar cerca de US\$ 330 milhões em negócios. A previsão é da agência de pesquisa Data Popular, contratada pelos organizadores para que os expositores pudessem entender a fundo o perfil do público-alvo do evento. Segundo Renato Meirelles, diretor da Data Popular, “a classe C é o mercado que segura o Brasil em época de crise, porque para a classe C crise não é exceção, é regra”. Ele acredita que a classe C movimentará R\$ 1 trilhão por ano e vai ter grande participação na compra de móveis a partir de 2012, o que é muito importante para o Rio Grande, onde os polos moveleiros empregam milhares de pessoas e geram renda, inclusive com exportação.

Só o polo moveleiro de Bento Gonçalves, com mais de 300 empresas, exportou, em novembro de 2010, o equivalente a US\$ 6,4 milhões. A nova presidente do Sindmóveis Bento Gonçalves, Cátia Scarton, assumiu dia 18 de janeiro.



Cátia Scarton, presidente do Sindmóveis Bento Gonçalves

Aço

Deu certo a estratégia dos consumidores brasileiros de aço que começaram a importar o produto para forçar a baixa dos preços do aço nacional. A importação de aço fechou o ano com uma diminuição de 47% em consequência “da queda do preço do produto nas siderúrgicas nacionais”, segundo Carlos Loureiro, presidente do Sindicato Nacional das Empresas Distribuidoras de Produtos Siderúrgicos. “A diminuição do preço do aço comum contribuiu diretamente para a redução da entrada de material siderúrgico estrangeiro no País”, afirmou.

Híbridos

O estacionamento do prédio comercial que a Ivo Rizzo e a BMarket estão construindo na avenida Cristóvão Colombo, o Cristóvão 1800, terá vagas especiais com

Jornal do Comércio
Porto Alegre – RS



O Jornal de economia e negócios do RS desde 1933

Jornal do Comércio

Aço

Deu certo a estratégia dos consumidores brasileiros de aço que começaram a importar o produto para forçar a baixa dos preços do aço nacional. A importação de aço fechou o ano com uma diminuição de 47% em consequência “da queda do preço do produto nas siderúrgicas nacionais”, segundo Carlos Loureiro, presidente do Sindicato Nacional das Empresas Distribuidoras de Produtos Siderúrgicos. “A diminuição do preço do aço comum contribuiu diretamente para a redução da entrada de material siderúrgico estrangeiro no País”, afirmou.

Link: <http://jcrs.uol.com.br/site/noticia.php?codn=85109>



**Associação Brasileira de Metalurgia, Materiais e Mineração
Sindisider promove palestra gratuita no RS**

03/02/2012

O Sindicato Nacional das Empresas Distribuidoras de Produtos Siderúrgicos - Sindisider, promove palestra gratuita no Centro das Indústrias de Cachoeirinha, na Grande Porto Alegre (RS), na próxima segunda-feira, 6, das 14 às 17 horas.

Com o tema “Distribuição de Aço no Brasil: O Momento Competitivo do Setor”, o superintendente do Sindicato, Gilson Bertozzo, abordará as principais dificuldades encontradas pelo segmento e a melhor forma de superá-las.

“A distribuição de produtos siderúrgicos está trabalhando com margens apertadas, estoques acima dos patamares ideais e sob o impacto da importação de aço in natura, principalmente para as indústrias automobilísticas e de máquinas e equipamentos. Essa palestra é direcionada aos distribuidores e revendedores permitindo um conhecimento maior do setor e consequente ganho em competitividade”, afirma Bertozzo.

As inscrições devem ser feitas através do e-mail viniciuspoa@sindisider.org.br ou pelo telefone (51) 3013-3372.

Link: http://www.abmbrasil.com.br/news/noticia_integra.asp?cd=4521



Importações caíram 47,5%, segundo Sindisider

De acordo com dados do Sindicato Nacional das Empresas Distribuidoras de Produtos Siderúrgicos (Sindisider), as importações de aço caíram 47,5% em 2011, por conta da queda do preço do produto nas siderúrgicas nacionais. “As usinas brasileiras adotaram uma postura mais agressiva no ano passado, com margens de lucro mais apertadas. A diminuição do preço do aço comum contribuiu diretamente para a redução da entrada de material siderúrgico estrangeiro no País”, afirma Carlos Loureiro, presidente da entidade. Apesar da queda nas importações, o consumo aparente permaneceu inalterado nos últimos quatro anos “No ano passado o consumo foi menor, já que houve uma queda de 11% na utilização do aço pelo brasileiro. Esse resultado comprova que o comércio indireto de aço é o principal entrave para o crescimento do setor”, explica Loureiro. Os dados do Instituto Nacional dos Distribuidores de Aço (inda), mostram que as usinas deixaram de entregar 5 milhões t de aço entre 2007 e 2011. Em dezembro, foram vendidas 324,8 mil t de aço plano, montante 9,6% menor do que o registrado em novembro e 15,8% superior ao total de aço vendido em dezembro do ano passado. Em 2011, houve um aumento de 11,7% nas vendas quando comparado ao mesmo período do ano anterior. O aumento nas vendas da rede distribuidora também é reflexo da queda da importação de aços planos”, comenta Loureiro. As compras das usinas siderúrgicas registraram queda de 11,7% frente a novembro, totalizando 317,7 mil t. Quando comparadas a dezembro de 2010, as compras aumentaram 18,5%. No acumulado de 2011, houve baixa de 4% em relação ao mesmo período do ano passado. O Sindisider prevê que as compras de aço nas siderúrgicas em janeiro cresçam 3% e as vendas da rede distribuidora 5%. Para 2012, a expectativa é que o setor cresça 6%.

Link: <http://www.brasilmineral.com.br/BM/default.asp?COD=6003&busca=&numero=536>

Rede Lajeado

Canal de notícias, novidades e artigos de opinião no Rede Lajeado.

Sindisider, promove palestra gratuita no Centro das Indústrias de Cachoeirinha, na Grande Porto Alegre, na próxima segunda-feira, 6 de fevereiro, das 14 às 17 horas

De 02/02/2012 as 15:45

Com o tema “Distribuição de Aço no Brasil: O Momento Competitivo do Setor”, o superintendente do Sindicato, Gilson Bertozzo, aborda no evento as principais dificuldades encontradas no segmento de distribuição de aço e a melhor forma de superá-las.

“A distribuição de produtos siderúrgicos está trabalhando com margens apertadas, estoques acima dos patamares ideais e sob o impacto da importação de aço in natura, principalmente para as indústrias automobilísticas e de máquinas e equipamentos. Essa palestra é direcionada aos distribuidores e revendedores permitindo um conhecimento maior do setor e consequente ganho em competitividade”, afirma Gilson Bertozzo, superintendente do SINDISIDER.

As inscrições são gratuitas, com vagas limitadas, e devem ser feitas através do e-mail viniciuspoa@sindisider.org.br ou pelo telefone (51) 3013-3372.

Palestrante

Gilson Bertozzo é sociólogo, pedagogo e pós-graduado em marketing. Com mais de 25 anos de experiência em gestão estratégica de organizações sem fins lucrativos, o profissional ocupa há 10 anos o cargo de superintendente do SINDISIDER.

Serviço

“Distribuição de Aço no Brasil: O Momento Competitivo do Setor”

Quando: 06 de Fevereiro, das 14h às 17h

Local: Centro das Indústrias de Cachoeirinha

Endereço: Avenida das Indústrias, 750 – Distrito Industrial, Cachoeirinha, RS

Inscrições: viniciuspoa@sindisider.org.br

Tel: (51) 3013-3372

SINDISIDER

Entidade legalmente constituída e sem fins lucrativos, o SINDISIDER tem o objetivo de defender os interesses das empresas distribuidoras e revendedoras de produtos siderúrgicos. Além de representar este segmento frente aos órgãos do governo, o sindicato atua, ao lado do INDA – Instituto Nacional dos Distribuidores de Aço –, no desenvolvimento, fortalecimento e aumento da competitividade de pequenas, médias e grandes empresas distribuidoras e revendedoras de aço no Brasil. O SINDISIDER possui sede em São Paulo e regionais em Belo Horizonte e Porto Alegre.

Link: <http://www.redelajeado.com.br/2012/02/02/sindisider-promove-palestra-gratuita-no-centro-das-industrias-de-cachoeirinha-na-grande-porto-alegre-na-proxima-segunda-feira-6-de-fevereiro-das-14-as-1>



guiaMARÍTIMO
a ferramenta do comércio exterior

Importação de aço tem queda de 47% em 2011

Recuo foi motivado pela queda do preço do produto nacional

As importações de aço tiveram queda de 47,5% em 2011, em comparação ao ano anterior, segundo dados do Sindisider (Sindicato Nacional das Empresas Distribuidoras de Produtos Siderúrgicos). A queda foi motivada especialmente pela baixa no preço do produto nacional.

“As usinas brasileiras adotaram uma postura mais agressiva no ano passado, com margens de lucro mais apertadas. A diminuição do preço do aço comum contribuiu diretamente para a redução da entrada de material siderúrgico estrangeiro no país”, reconheceu Carlos Loureiro, presidente do sindicato.

Apesar do resultado, o consumo aparente de aço no país permanece estável nos últimos quatro anos. “No ano passado o consumo foi menor, já que houve uma queda de 11% na utilização do aço pelo brasileiro. Esse resultado comprova que comércio de aço indireto é o principal entrave para o crescimento do setor”, explica Loureiro.

No ano passado, as usinas nacionais deixaram de entregar cinco milhões de toneladas de aço, e entre 2007 e o ano passado a importação indireta de aço cresceu 113,6%. Os setores de máquinas e equipamentos e o setor automotivo são os que mais utilizam o aço indireto.

Link: <http://www.guiamaritimo.com.br/importacao-de-aco-tem-queda-de-47-em-2011/>



Importação de aço tem queda de 47% em 2011

Recuo foi motivado pela queda do preço do produto nacional

As importações de aço tiveram queda de 47,5% em 2011, em comparação ao ano anterior, segundo dados do Sindisider (Sindicato Nacional das Empresas Distribuidoras de Produtos Siderúrgicos). A queda foi motivada especialmente pela baixa no preço do produto nacional.

“As usinas brasileiras adotaram uma postura mais agressiva no ano passado, com margens de lucro mais apertadas. A diminuição do preço do aço comum contribuiu diretamente para a redução da entrada de material siderúrgico estrangeiro no país”, reconheceu Carlos Loureiro, presidente do sindicato.

Apesar do resultado, o consumo aparente de aço no país permanece estável nos últimos quatro anos. “No ano passado o consumo foi menor, já que houve uma queda de 11% na utilização do aço pelo brasileiro. Esse resultado comprova que comércio de aço indireto é o principal entrave para o crescimento do setor”, explica Loureiro.

No ano passado, as usinas nacionais deixaram de entregar cinco milhões de toneladas de aço, e entre 2007 e o ano passado a importação indireta de aço cresceu 113,6%. Os setores de máquinas e equipamentos e o setor automotivo são os que mais utilizam o aço indireto.

Link: <http://www.gbex.com.br/noticias.asp?inCodNoticia=591>



Siderúrgicas nacionais mais competitivas derrubam as importações

Números do Sindicato Nacional das Empresas Distribuidoras de Produtos Siderúrgicos – Sindisider, o consumo de aço no Brasil permaneceu estável nos últimos quatro anos, mas a importação de aço fechou 2011 com queda de 47,5% em relação a 2010, apontando aumento da competitividade das siderúrgicas nacionais. “Em 2011, as usinas brasileiras adotaram uma postura mais agressiva, com margens de lucro mais apertadas. A diminuição do preço do aço comum contribuiu diretamente para a redução da entrada de material siderúrgico estrangeiro no País”, afirma Carlos Loureiro, presidente do sindicato.

As projeções para 2012 são positivas. Segundo estimativas do Sindisider, no mês de janeiro as siderúrgicas devem comprar 3% mais aço e a rede distribuidora, vender 5% mais. A expectativa é que o setor termine o ano com crescimento de 6%.

Link: <http://blog.nei.com.br/index.php/2012/01/30/siderurgicas-nacionais-estao-mais-competitivas/>



IMPORTAÇÃO DE AÇO TEM QUEDA DE 47% EM 2011

No ano passado, as usinas nacionais deixaram de entregar cinco milhões de toneladas de aço, e entre 2007 e o ano passado a importação indireta de aço cresceu 113,6%.

As importações de aço tiveram queda de 47,5% em 2011, em comparação ao ano anterior, segundo dados do Sindisider (Sindicato Nacional das Empresas Distribuidoras de Produtos Siderúrgicos). A queda foi motivada especialmente pela baixa no preço do produto nacional.

“As usinas brasileiras adotaram uma postura mais agressiva no ano passado, com margens de lucro mais apertadas. A diminuição do preço do aço comum contribuiu diretamente para a redução da entrada de material siderúrgico estrangeiro no país”, reconheceu Carlos Loureiro, presidente do sindicato.

Apesar do resultado, o consumo aparente de aço no país permanece estável nos últimos quatro anos. “No ano passado o consumo foi menor, já que houve uma queda de 11% na utilização do aço pelo brasileiro. Esse resultado comprova que comércio de aço indireto é o principal entrave para o crescimento do setor”, explica Loureiro.

No ano passado, as usinas nacionais deixaram de entregar cinco milhões de toneladas de aço, e entre 2007 e o ano passado a importação indireta de aço cresceu 113,6%. Os setores de máquinas e equipamentos e o setor automotivo são os que mais utilizam o aço indireto.

FONTE: Guia Marítimo

Link: <http://www.bysoft.com.br/noticias-sobre-mercado-comercio-externo/importacao-de-aco-tem-queda-de-47--em-2011.html>



Importações De Aço Caem 47% Em 2011

As importações de aço em 2011 foram 47,5% menores do que em 2010. O recuo deve-se principalmente à queda do preço do produto nas siderúrgicas nacionais, conforme o Sindisider (Sindicato Nacional das Empresas Distribuidoras de Produtos Siderúrgicos).

"As usinas brasileiras adotaram uma postura mais agressiva no ano passado, com margens de lucro mais apertadas. A diminuição do preço do aço comum contribuiu diretamente para a redução da entrada de material siderúrgico estrangeiro no país", afirma Carlos Loureiro, presidente da entidade.

Mesmo com o resultado negativo na importação, o consumo aparente de aço no país permanece estável nos últimos quatro anos. "No ano passado o consumo foi menor, já que houve uma queda de 11% na utilização do aço pelo brasileiro. Esse resultado comprova que comércio de aço indireto é o principal entrave para o crescimento do setor", explica Loureiro.

Os dados levantados pelo INDA apontam que as usinas nacionais deixaram de entregar, em 2011, cinco milhões de toneladas de aço, e entre 2007 e o ano passado, a importação indireta de aço cresceu 113,6%. De acordo com o presidente, os setores de máquinas e equipamentos e automotivo (autopeças/automobilístico) são os que mais utilizam o aço indireto.

Em dezembro de 2011, foram vendidas 324,8 mil toneladas de aço plano, montante 9,6% menor do que o registrado em novembro e 15,8% superior ao total de aço vendido em dezembro do ano passado. Em 2011, houve um aumento de 11,7% nas vendas quando comparado ao mesmo período do ano anterior. "O aumento nas vendas da rede distribuidora também é reflexo da queda da importação de aços planos", comenta Loureiro.

As compras das usinas siderúrgicas registraram queda de 11,7% frente a novembro, totalizando 317,7 mil toneladas. Quando comparadas a dezembro do ano passado, as compras aumentaram 18,5%. No acumulado de 2011, houve baixa de 4% em relação ao mesmo período do ano passado.

Os estoques registraram queda de 0,7% em relação a novembro, totalizando 1.000,7 mil toneladas. Na comparação com dezembro do ano passado, houve retração de 16,8% no montante de aço armazenado nos distribuidores. Em dezembro, a retração da venda do material provocou o aumento no giro de estoques para 3,1 meses.

Projeções - De acordo com estimativas do Sindisider, no mês de janeiro as compras de aço nas siderúrgicas devem crescer 3% e as vendas da rede distribuidora 5%. Para 2012 a expectativa é que o setor cresça 6%.

Link: <http://www.abimei.org.br/jm/index.php/abimei/noticias/63-economia/849-importacoes-de-aco-caem-47-em-2011&Itemid=70>



Importações de aço caem 47% em 2011

As importações de aço em 2011 foram 47,5% menores do que em 2010. O recuo deve-se principalmente à queda do preço do produto nas siderúrgicas nacionais, conforme o Sindisider (Sindicato Nacional das Empresas Distribuidoras de Produtos Siderúrgicos).

“As usinas brasileiras adotaram uma postura mais agressiva no ano passado, com margens de lucro mais apertadas. A diminuição do preço do aço comum contribuiu diretamente para a redução da entrada de material siderúrgico estrangeiro no país”, afirma Carlos Loureiro, presidente da entidade.

Mesmo com o resultado negativo na importação, o consumo aparente de aço no país permanece estável nos últimos quatro anos. “No ano passado o consumo foi menor, já que houve uma queda de 11% na utilização do aço pelo brasileiro. Esse resultado comprova que comércio de aço indireto é o principal entrave para o crescimento do setor”, explica Loureiro.

Os dados levantados pelo INDA apontam que as usinas nacionais deixaram de entregar, em 2011, cinco milhões de toneladas de aço, e entre 2007 e o ano passado, a importação indireta de aço cresceu 113,6%. De acordo com o presidente, os setores de máquinas e equipamentos e automotivo (autopeças/automobilístico) são os que mais utilizam o aço indireto.

Em dezembro de 2011, foram vendidas 324,8 mil toneladas de aço plano, montante 9,6% menor do que o registrado em novembro e 15,8% superior ao total de aço vendido em dezembro do ano passado. Em 2011, houve um aumento de 11,7% nas vendas quando comparado ao mesmo período do ano anterior. “O aumento nas vendas da rede distribuidora também é reflexo da queda da importação de aços planos”, comenta Loureiro.

As compras das usinas siderúrgicas registraram queda de 11,7% frente a novembro, totalizando 317,7 mil toneladas. Quando comparadas a dezembro do ano passado, as compras aumentaram 18,5%. No acumulado de 2011, houve baixa de 4% em relação ao mesmo período do ano passado.

Os estoques registraram queda de 0,7% em relação a novembro, totalizando 1.000,7 mil toneladas. Na comparação com dezembro do ano passado, houve retração de 16,8% no montante de aço armazenado nos distribuidores. Em dezembro, a retração da venda do material provocou o aumento no giro de estoques para 3,1 meses.

Projeções - De acordo com estimativas do Sindisider, no mês de janeiro as compras de aço nas siderúrgicas devem crescer 3% e as vendas da rede distribuidora 5%. Para 2012 a expectativa é que o setor cresça 6%.

Link: <http://www.ipesi.com.br/login/noticias-mm/view.asp?id=3755>

GRUPO V.SANTOS
LOGÍSTICA INTERNACIONAL

IMPORTAÇÃO DE AÇO TEM QUEDA DE 47% EM 2011

As importações de aço tiveram queda de 47,5% em 2011, em comparação ao ano anterior, segundo dados do Sindisider (Sindicato Nacional das Empresas Distribuidoras de Produtos Siderúrgicos). A queda foi motivada especialmente pela baixa no preço do produto nacional.

“As usinas brasileiras adotaram uma postura mais agressiva no ano passado, com margens de lucro mais apertadas. A diminuição do preço do aço comum contribuiu diretamente para a redução da entrada de material siderúrgico estrangeiro no país”, reconheceu Carlos Loureiro, presidente do sindicato.

Apesar do resultado, o consumo aparente de aço no país permanece estável nos últimos quatro anos. “No ano passado o consumo foi menor, já que houve uma queda de 11% na utilização do aço pelo brasileiro. Esse resultado comprova que comércio de aço indireto é o principal entrave para o crescimento do setor”, explica Loureiro.

No ano passado, as usinas nacionais deixaram de entregar cinco milhões de toneladas de aço, e entre 2007 e o ano passado a importação indireta de aço cresceu 113,6%. Os setores de máquinas e equipamentos e o setor automotivo são os que mais utilizam o aço indireto.

Link:

http://www.vsantos.com.br/index.php?option=com_content&view=article&id=1176:importacao-de-aco-tem-queda-de-47-em-2011&catid=39:ulimas-noticias&lang=us&Itemid=0

Plantão

News

Importação de aço tem queda de 47% em 2011

As importações de aço tiveram queda de 47,5% em 2011, em comparação ao ano anterior, segundo dados do Sindisider (Sindicato Nacional das Empresas Distribuidoras de Produtos Siderúrgicos). A queda foi motivada especialmente pela baixa no preço do produto nacional.

“As usinas brasileiras adotaram uma postura mais agressiva no ano passado, com margens de lucro mais apertadas. A diminuição do preço do aço comum contribuiu diretamente para a redução da entrada de material siderúrgico estrangeiro no país”, reconheceu Carlos Loureiro, presidente do sindicato.

Apesar do resultado, o consumo aparente de aço no país permanece estável nos últimos quatro anos. “No ano passado o consumo foi menor, já que houve uma queda de 11% na utilização do aço pelo brasileiro. Esse resultado comprova que comércio de aço indireto é o principal entrave para o crescimento do setor”, explica Loureiro.

No ano passado, as usinas nacionais deixaram de entregar cinco milhões de toneladas de aço, e entre 2007 e o ano passado a importação indireta de aço cresceu 113,6%. Os setores de máquinas e equipamentos e o setor automotivo são os que mais utilizam o aço indireto.

Link: <http://www.plantaonews.com.br/conteudo/show/secao/36/materia/52437>



Importação de aço tem queda de 47% em 2011

As importações de aço tiveram queda de 47,5% em 2011, em comparação ao ano anterior, segundo dados do Sindisider (Sindicato Nacional das Empresas Distribuidoras de Produtos Siderúrgicos). A queda foi motivada especialmente pela baixa no preço do produto nacional.

“As usinas brasileiras adotaram uma postura mais agressiva no ano passado, com margens de lucro mais apertadas. A diminuição do preço do aço comum contribuiu diretamente para a redução da entrada de material siderúrgico estrangeiro no país”, reconheceu Carlos Loureiro, presidente do sindicato.

Apesar do resultado, o consumo aparente de aço no país permanece estável nos últimos quatro anos. “No ano passado o consumo foi menor, já que houve uma queda de 11% na utilização do aço pelo brasileiro. Esse resultado comprova que comércio de aço indireto é o principal entrave para o crescimento do setor”, explica Loureiro.

No ano passado, as usinas nacionais deixaram de entregar cinco milhões de toneladas de aço, e entre 2007 e o ano passado a importação indireta de aço cresceu 113,6%. Os setores de máquinas e equipamentos e o setor automotivo são os que mais utilizam o aço indireto.

Link: <http://www.conexaomaritima.com.br/novo/index.php>

BOCK NEWS

Jornal eletrônico, informativo, espaço para divulgação de temas de comércio exterior e logística.

Importação de aço tem queda de 47% em 2011

As importações de aço tiveram queda de 47,5% em 2011, em comparação ao ano anterior, segundo dados do Sindisider (Sindicato Nacional das Empresas Distribuidoras de Produtos Siderúrgicos). A queda foi motivada especialmente pela baixa no preço do produto nacional.

“As usinas brasileiras adotaram uma postura mais agressiva no ano passado, com margens de lucro mais apertadas. A diminuição do preço do aço comum contribuiu diretamente para a redução da entrada de material siderúrgico estrangeiro no país”, reconheceu Carlos Loureiro, presidente do sindicato.

Apesar do resultado, o consumo aparente de aço no país permanece estável nos últimos quatro anos. “No ano passado o consumo foi menor, já que houve uma queda de 11% na utilização do aço pelo brasileiro. Esse resultado comprova que comércio de aço indireto é o principal entrave para o crescimento do setor”, explica Loureiro.

No ano passado, as usinas nacionais deixaram de entregar cinco milhões de toneladas de aço, e entre 2007 e o ano passado a importação indireta de aço cresceu 113,6%. Os setores de máquinas e equipamentos e o setor automotivo são os que mais utilizam o aço indireto.

Link: <http://bocknews.blogspot.com/2012/01/importacao-de-aco-tem-queda-de-47-em.html>



Importação de aço tem queda de 47% em 2011

As importações de aço tiveram queda de 47,5% em 2011, em comparação ao ano anterior, segundo dados do Sindisider (Sindicato Nacional das Empresas Distribuidoras de Produtos Siderúrgicos). A queda foi motivada especialmente pela baixa no preço do produto nacional.

“As usinas brasileiras adotaram uma postura mais agressiva no ano passado, com margens de lucro mais apertadas. A diminuição do preço do aço comum contribuiu diretamente para a redução da entrada de material siderúrgico estrangeiro no país”, reconheceu Carlos Loureiro, presidente do sindicato.

Apesar do resultado, o consumo aparente de aço no país permanece estável nos últimos quatro anos. “No ano passado o consumo foi menor, já que houve uma queda de 11% na utilização do aço pelo brasileiro. Esse resultado comprova que comércio de aço indireto é o principal entrave para o crescimento do setor”, explica Loureiro.

No ano passado, as usinas nacionais deixaram de entregar cinco milhões de toneladas de aço, e entre 2007 e o ano passado a importação indireta de aço cresceu 113,6%. Os setores de máquinas e equipamentos e o setor automotivo são os que mais utilizam o aço indireto.

Link: http://www.sindiex.org.br/site2008/mostraconteudos.asp?cod_conteudo=19122



EcoFinanças

Importação de aço teve queda de 47% em 2011

As importações de aço em 2011 foram 47,5% menores do que no ano anterior, segundo dados divulgados pelo Sindicato Nacional das Empresas Distribuidoras de Produtos Siderúrgicos (Sindisider). O recuo deve-se principalmente à queda do preço do produto nas siderúrgicas nacionais.

"As usinas brasileiras adotaram uma postura mais agressiva no ano passado, com margens de lucro mais apertadas. A diminuição do preço do aço comum contribuiu diretamente para a redução da entrada de material siderúrgico estrangeiro no país", afirma Carlos Loureiro, presidente do Sindisider.

Mesmo com o resultado negativo na importação, o consumo aparente de aço no país permanece estável nos últimos quatro anos. "No ano passado o consumo foi menor, já que houve uma queda de 11% na utilização do aço pelo brasileiro. Esse resultado comprova que comércio de aço indireto é o principal entrave para o crescimento do setor", explica Loureiro.

Vale lembrar que os dados levantados pelo INDA apontam que as usinas nacionais deixaram de entregar, em 2011, cinco milhões de toneladas de aço, e entre 2007 e o ano passado, a importação indireta de aço cresceu 113,6%. De acordo com o presidente, os setores de máquinas e equipamentos e automotivo (autopeças/automobilístico) são os que mais utilizam o aço indireto.

Em dezembro, foram vendidas 324,8 mil toneladas de aço plano, montante 9,6% menor do que o registrado em novembro e 15,8% superior ao total de aço vendido em dezembro do ano passado. Em 2011, houve um aumento de 11,7% nas vendas quando comparado ao mesmo período do ano anterior. "O aumento nas vendas da rede distribuidora também é reflexo da queda da importação de aços planos", comenta Loureiro.

As compras das usinas siderúrgicas registraram queda de 11,7% frente a novembro, totalizando 317,7 mil toneladas. Quando comparadas a dezembro do ano passado, as compras aumentaram 18,5%. No acumulado de 2011, houve baixa de 4% em relação ao mesmo período do ano passado.

Os estoques registraram queda de 0,7% em relação a novembro, totalizando 1.000,7 mil toneladas. Na comparação com dezembro do ano passado, houve retração de 16,8% no montante de aço armazenado nos distribuidores. Em dezembro, a retração da venda do material provocou o aumento no giro de estoques para 3,1 meses.

De acordo com estimativas do Sindisider, no mês de janeiro as compras de aço nas siderúrgicas devem crescer 3% e as vendas da rede distribuidora 5%. Para 2012 a expectativa é que o setor cresça 6%.

Link: <http://www.ecofinancas.com/noticias/importacao-aco-teve-queda-47-2011>



Importação de aço tem queda de 47% em 2011

As importações de aço tiveram queda de 47,5% em 2011, em comparação ao ano anterior, segundo dados do Sindisider (Sindicato Nacional das Empresas Distribuidoras de Produtos Siderúrgicos). A queda foi motivada especialmente pela baixa no preço do produto nacional.

“As usinas brasileiras adotaram uma postura mais agressiva no ano passado, com margens de lucro mais apertadas. A diminuição do preço do aço comum contribuiu diretamente para a redução da entrada de material siderúrgico estrangeiro no país”, reconheceu Carlos Loureiro, presidente do sindicato.

Apesar do resultado, o consumo aparente de aço no país permanece estável nos últimos quatro anos. “No ano passado o consumo foi menor, já que houve uma queda de 11% na utilização do aço pelo brasileiro. Esse resultado comprova que comércio de aço indireto é o principal entrave para o crescimento do setor”, explica Loureiro.

No ano passado, as usinas nacionais deixaram de entregar cinco milhões de toneladas de aço, e entre 2007 e o ano passado a importação indireta de aço cresceu 113,6%. Os setores de máquinas e equipamentos e o setor automotivo são os que mais utilizam o aço indireto.

Link: <http://www.amtrans.com.br/pt/noticias/index/inicio/6>

Pack

Importação de aço fecha o ano de 2011 com queda de 47%

Apesar da redução da entrada do material estrangeiro no país, o aço indireto ainda preocupa os associados do SINDISIDER

De acordo com dados divulgados pelo SINDISIDER (Sindicato Nacional das Empresas Distribuidoras de Produtos Siderúrgicos), as importações de aço em 2011 foram 47,5% menores do que no ano anterior. O recuo deve-se principalmente à queda do preço do produto nas siderúrgicas nacionais.

“As usinas brasileiras adotaram uma postura mais agressiva no ano passado, com margens de lucro mais apertadas. A diminuição do preço do aço comum contribuiu diretamente para a redução da entrada de material siderúrgico estrangeiro no país”, afirma Carlos Loureiro, presidente do SINDISIDER.

Mesmo com o resultado negativo na importação, o consumo aparente de aço no país permanece estável nos últimos quatro anos. “No ano passado o consumo foi menor, já que houve uma queda de 11% na utilização do aço pelo brasileiro. Esse resultado comprova que comércio de aço indireto é o principal entrave para o crescimento do setor”, explica Loureiro.

Os dados levantados pelo INDA apontam que as usinas nacionais deixaram de entregar, em 2011, cinco milhões de toneladas de aço, e entre 2007 e o ano passado, a importação indireta de aço cresceu 113,6%. De acordo com o presidente, os setores de máquinas e equipamentos e automotivo (autopeças/automobilístico) são os que mais utilizam o aço indireto.

Dezembro

Em dezembro, foram vendidas 324,8 mil toneladas de aço plano, montante 9,6% menor do que o registrado em novembro e 15,8% superior ao total de aço vendido em dezembro do ano passado. Em 2011, houve um aumento de 11,7% nas vendas quando comparado ao mesmo período do ano anterior. “O aumento nas vendas da rede distribuidora também é reflexo da queda da importação de aços planos”, comenta Loureiro.

As compras das usinas siderúrgicas registraram queda de 11,7% frente a novembro, totalizando 317,7 mil toneladas. Quando comparadas a dezembro do ano passado, as compras aumentaram 18,5%. No acumulado de 2011, houve baixa de 4% em relação ao mesmo período do ano passado.

Os estoques registraram queda de 0,7% em relação a novembro, totalizando 1.000,7 mil toneladas. Na comparação com dezembro do ano passado, houve retração de 16,8% no montante de aço armazenado nos distribuidores. Em dezembro, a retração da venda do material provocou o aumento no giro de estoques para 3,1 meses.

Projeções

De acordo com estimativas do SINDISIDER, no mês de janeiro as compras de aço nas siderúrgicas devem crescer 3% e as vendas da rede distribuidora 5%. Para 2012 a expectativa é que o setor cresça 6%.

Link: <http://www.pack.com.br/internanoticias.aspx?idnew=5946>

Notícias e Informações

Importação de aço preocupa

Luciane Lisboa - Diário do Comércio

Embora as importações de aço in natura tenham caído 47,5% no ano passado em comparação com 2010, a entrada no país de produtos manufaturados de aço – importação indireta – cresceu 11,6% entre 2007 e 2011, o que preocupa o setor e pode levar, no longo prazo, à desindustrialização do segmento.

Os dados são do Sindicato Nacional das Empresas Distribuidoras de Produtos Siderúrgicos (Sindisider). De acordo com a entidade, a redução nas importações de aço se deu principalmente em função da queda do preço do produto nas siderúrgicas nacionais.

O recuo nas compras externas, segundo o sindicato, se deu por uma postura mais agressiva da indústria do aço no ano passado, que teve suas margens reduzidas. “A importação de aço por si só não preocupa, já que se tratam de janelas de mercado. A questão, muito mais complexa, diz respeito ao crescimento da compra de produtos estrangeiros intensivos em aço, já que isso pode acabar com a cadeia produtiva nacional e levar à industrialização”, afirma o superintendente do Sindisider, Gilson Santos Bertozzo.



Conforme a entidade, o consumo aparente de aço no país permaneceu estável nos últimos quatro anos, mas no ano passado ele foi menor, com queda de 11% na utilização do insumo peça brasileiro, outro sinal de aumento da importação indireta.

Bertozzo disse que a compra de produtos importados manufaturados de aço, principalmente dos chineses, vem crescendo muito, minando a competitividade da indústria nacional. “Em alguns setores, muitas empresas já deixaram de fabricar os produtos e passaram a apenas montar as peças importadas da China”, ressaltou.



Segundo ele, a diferença de preços é gritante. “Para se ter uma ideia, peças do setor moveleiro como trilhos e dobradores, que aqui custam em média R\$ 60, chegam da China a R\$ 18. Não tem como competir. O Brasil precisa rever urgente a carga tributária do setor”, assinalou. Dados levantados pelo Instituto Nacional do Aço (Inda) apontam que as usinas nacionais deixaram de entregar, em 2011, 5 milhões de toneladas de aço. De acordo com o Sindisider, os setores de máquinas e equipamentos e automotivos (autopeças-automobilístico) são os que mais utilizam o aço indireto.

No ano passado, houve um acréscimo de 11,7% nas vendas quando comparado ao mesmo período do ano anterior. Porém, houve queda em dezembro. No período, foram negociadas 324,8 mil toneladas de aço plano, montante 9,6% menos do que o registrado em novembro e 15,8% superior ao total de aço vendido em dezembro de 2010.

As compras das usinas siderúrgicas registraram queda de 11,7% frente a novembro, totalizando 317,7 mil toneladas. Quando comparadas a dezembro de 2010, as compras aumentaram 18,5%. No entanto, no acumulado de 2011 houve baixa de 4% em relação ao mesmo período do ano passado.

Estoques - Por outro lado, os estoques de aço nas distribuidoras brasileiras também vêm caindo. Em dezembro, o recuo foi de 0,7% em relação a novembro, totalizando 1.000,7 mil toneladas.

“Estamos com estoques referentes a três meses. O ideal é em torno de 2,7 meses, mas o resultado está abaixo dos quatro meses que chegamos a registrar em alguns meses do ano passado”, afirmou Bertozzo.

E para 2012 as expectativas para o setor são positivas. Conforme o Sindisider, as compras de aço nas siderúrgicas no mês de janeiro devem crescer 3% e as vendas da rede distribuidora, 5%.

“O setor deve crescer 6% neste ano. Estamos otimistas, já que o governo não pode mais adiar as obras de infraestrutura fundamentais para os eventos que serão realizados no Brasil, com a Copa do Mundo e as Olimpíadas. Além disso, a indústria automobilística deve crescer, assim como o segmento fabricante da linha branca”, destacou.

Link: <http://www.guiametal.com.br/?noticia=3006/importacao-de-aco-preocupa>

02 – INDA



Mercado de Metais

Reino Unido: Cotação dos metais básicos fornecidos pela LME. O zinco está cotado a US\$ 2.178/t e para contratos de 3 meses em US\$ 2.195/t, o cobre está cotado a US\$ 8.609/t e para contratos de 3 meses em US\$ 8.622t, o alumínio está cotado a US\$ 2.241/t e para contratos de 3 meses a US\$ 2.277/t e o níquel está cotado a US\$ 21.665/t e para contrato de 3 meses a US\$ 21.172/t.

(LME)

Brasil: As expectativas para o setor siderúrgico não são positivas na visão do presidente do Inda, Carlos Loureiro, que espera que as vendas de aço sejam fracas no 1º trimestre de 2012. O analista do banco de investimentos Espírito Santo, Juliano Navarro, compartilha a mesma perspectiva para o mercado de aço no curto prazo. No entanto, Navarro acredita que as recentes medidas fiscais do governo para incentivar a indústria automobilística interna e o consumo de bens de linha branca, juntamente com a taxa de juros em queda e o atual ambiente positivo de crédito no País, podem estimular a demanda interna de aços planos em 2012. "O que nos leva a conclusão de que o 4º trimestre de 2011 pode ter sido o 'piso' em termos de vendas e preços de aços", explica o analista. Por outro lado, ele afirma que o banco continua cauteloso com o setor de aços planos, sob uma perspectiva global. "Esperamos que as margens das empresas continuem sendo pressionadas pelos preços baixos e o alto custo de matérias-primas", completa Navarro.

(Nara Faria, InfoMoney) distribuidoras somaram 325 mil toneladas no mês passado, com queda de 10% comparado a dezembro de 2010. Já as compras de aço pela rede junto às usinas e com importação somaram 318 mil toneladas no mês, um recuo de 9%.

O nível considerado de conforto para os estoques nos armazéns das distribuidoras, segundo o Inda, é de 2,6 a 2,7 meses de venda. Acima disso, começa a ter impacto na rentabilidade financeiras das empresas.

No Brasil são produtoras de aços planos Usiminas, CSN e ArcelorMittal Tubarão.

(Ivo Ribeiro | Valor)

Link: <http://www.mkraft.com.br/?l=noticias&id=95&pg=1>



Processadoras de Aço

Brasil: As expectativas para o setor siderúrgico não são positivas na visão do presidente do Inda, Carlos Loureiro, que espera que as vendas de aço sejam fracas no 1º trimestre de 2012. O analista do banco de investimentos Espírito Santo, Juliano Navarro, compartilha a mesma perspectiva para o mercado de aço no curto prazo. No entanto, Navarro acredita que as recentes medidas fiscais do governo para incentivar a indústria automobilística interna e o consumo de bens de linha branca, juntamente com a taxa de juros em queda e o atual ambiente positivo de crédito no País, podem estimular a demanda interna de aços planos em 2012. "O que nos leva a conclusão de que o 4º trimestre de 2011 pode ter sido o 'piso' em termos de vendas e preços de aços", explica o analista. Por outro lado, ele afirma que o banco continua cauteloso com o setor de aços planos, sob uma perspectiva global. "Esperamos que as margens das empresas continuem sendo pressionadas pelos preços baixos e o alto custo de matérias-primas", completa Navarro.

Link:

http://www.abmbrasil.com.br/news/clipping/clipping_por_data.asp?dia=30&mes=1&ano=2012

03 – SETOR



PANORAMABRASIL

Produtores ajustam oferta para sustentar preços em 2012

Segundo analistas consultados pelo DCI, o fechamento de fábricas com baixa produtividade e as parcerias devem estabilizar cotações

O mercado mundial de commodities metálicas vive um momento de ajuste diante da queda da demanda, principalmente do aço e do alumínio. Nesse cenário, empresas globais já se reorganizam para ajustar a oferta, com o fechamento de unidades com baixa produtividade. Há ainda uma tendência de que haja um movimento forte de consolidações, segundo analistas consultados pelo DCI.

“As siderúrgicas, especialmente na China, vêm procurando consolidar suas empresas em conglomerados maiores para se manter competitivas”, afirmou o sócio e líder de mineração e metálicos da PriceWaterhouseCoopers (PwC), Ronaldo Valiño. O analista explica que a siderurgia sempre é impactada em momentos de crise, por se tratar de um setor com altos investimentos e que está no meio da cadeia produtiva, entre as mineradoras e os parques industriais.

Valiño acredita que, em 2012, os reflexos da crise deverão persistir e a saída para os produtores não acumular estoques e regular a oferta deve ser o desligamento dos altos-fornos em locais onde os custos de produção são maiores. “A produção da siderurgia sofre impacto direto de aumento de preços de energia elétrica, coque e minério de ferro”, diz.

No ano passado, a ArcelorMittal, maior produtora de aço do mundo, anunciou a desativação temporária de duas unidades na Espanha, decisão que deveria durar até o final de 2011. É possível, porém, que o quadro se estenda para 2012. “A siderurgia está inserida em um mercado global, mas uma decisão como esta, na Espanha, não afeta o Brasil, porque as empresas do setor procuram operar onde os custos são mais baixos”, diz Valiño. À época da decisão, a ArcelorMittal afirmou que a companhia estava implementando um plano de otimização de ativos, que incluía o fechamento temporário das operações de altos-fornos de custo elevado.

O mercado do alumínio também tem enfrentado a queda da demanda, principalmente na Europa e EUA, maiores consumidores do metal. “Com o agravamento da crise, o alumínio está entre os metais com margens mais apertadas”, diz o economista da LCA Consultores, Marco Laes.

Segundo o consultor, o preço da tonelada do alumínio, que hoje gira em torno dos US\$ 2,1 mil, está muito abaixo do que as empresas precisam para manter a competitividade. “Se o quadro persistir, a tendência é que os produtores marginais fechem as portas”, diz. Neste mês, a gigante do alumínio Alcoa anunciou corte de 12% de sua produção global. A medida, segundo dirigentes, se deve à retração de preços.

Para o economista da PwC, o Brasil é um grande player do setor de alumínio e, mesmo com os altos preços de energia, outros fatores contribuem para a manutenção do mercado interno. “O País tem custo de frete mais baixo, água em abundância e está em pleno crescimento”, afirma.

Mesmo em um quadro de incertezas, Valiño afirma que o mercado global de metais não deve passar por expressivos transtornos neste ano. “Olhando o cenário de médio prazo, não imagino nenhum grande viés de aumento ou decréscimo dos preços das commodities metálicas”, diz.

Link: <http://www.panoramabrasil.com.br/produtores-ajustam-oferta-para-sustentar--precos-em-2012-id79821.html>

Valor ECONÔMICO

Déficit comercial de autopeças cresce 30,9% em 2011

SÃO PAULO - O setor de autopeças fechou 2011 marcando déficit comercial de US\$ 4,64 bilhões, como resultado da maior entrada no país de produtos da Ásia e da Europa.

O saldo superou em 30,9% o resultado negativo do ano anterior e refletiu o avanço de 20% das importações – para US\$ 15,77 bilhões -, que superou o crescimento de 15,9% das exportações (US\$ 11,13 bilhões), segundo dados compilados pelo Sindipeças, o sindicato que representa a indústria nacional de autopeças.

As importações de produtos da macrorregião formada por Ásia e Oceania tiveram a maior taxa de crescimento, chegando a 33,1% do total importado. Só em autopeças chinesas, as importações dispararam, com avanço de 61,55% na comparação anual, chegando a US\$ 1,25 bilhão. Com o desempenho, a China ultrapassa Itália e França e se torna a quinta principal origem dos componentes importados no país – atrás de Estados Unidos, Alemanha, Japão e Argentina.

Dada a maior velocidade do crescimento das transações comerciais com esses mercados, o Sindipeças avalia que a Ásia, junto com a Oceania, poderá neste ano ultrapassar a Europa como principal origem. No ano passado, as importações de autopeças europeias subiram 20,5% e chegaram a US\$ 6,55 bilhões, ou 41,5% do total.

O Sindipeças já divulgou projeções que apontam para um déficit de US\$ 5,59 bilhões na balança comercial da indústria de autopeças neste ano.

No ano passado, mais da metade das exportações – 51,1% - foi destinada para mercados na América do Sul. A Argentina, principal destino, respondeu por 39% do montante global, com incremento de 18,4% na comparação anual, para US\$ 4,34 bilhões. Isso permitiu ao Brasil acumular superávit comercial de US\$ 3,02 bilhões com o país vizinho em 2011 – acima do saldo positivo de US\$ 2,33 bilhões de 2010.

Link: http://valor.hands.com.br/valor/items/deficit-comercial-de-autopecas-cresce-309-em-2011?r_key=prc273cf039a3a2a8ac15300750ac914ad835a7949



Dívida trabalhista poderá ser paga com cartão de crédito

Objetivo é tornar mais ágil o processo de execução de decisões e acordos judiciais

Um convênio firmado nesta segunda-feira entre o Conselho Nacional de Justiça (CNJ), a Caixa Econômica Federal e o Banco do Brasil (BB) pode amenizar um velho problema da Justiça do Trabalho – o pagamento de dívidas já reconhecidas por decisão judicial. Com o convênio, os devedores poderão usar cartão de crédito ou de débito para quitar dívidas resultantes de condenação ou acordo conciliatório.

Atualmente, a execução de decisões da Justiça do Trabalho demoram até dois anos para serem finalizadas, com taxa de 78% de congestionamento. O pagamento da dívida é feito de forma manual, por meio de depósitos bancários, e o dinheiro demora cerca de três meses para chegar às mãos do credor. A ideia do novo método é pular a intermediação judicial do pagamento, evitando, inclusive, fraudes, como a retirada de valores já depositados enquanto dura a burocracia de repasse para o credor.

Segundo explicou a corregedora nacional Eliana Calmon, uma das signatárias do projeto-piloto, a ideia é que logo após o acordo ou a decisão judicial, o devedor use a máquina de cartão na própria sala de audiência – podem ser usados cartões pessoa jurídica, pessoa física e até cartões corporativos. Ele pode optar por pagar por débito à vista, em uma parcela dentro de 30 ou mais dias, ou de forma parcelada. Também haverá a opção de pagamento pelo modelo usado atualmente.

O valor passado na maquininha de cartão é diretamente vinculado ao processo específico e ao CPF do credor. Ele pode retirar o dinheiro no banco na data acordada na Justiça. Para isso, deve portar documento de identidade e cópia da ata de audiência. A ideia é que em um futuro próximo esse valor também possa ser retirado em lotéricas ou depositado diretamente nas contas bancárias de quem receberá o saldo.

De acordo com Calmon, outra vantagem do novo método é que o processo de execução vai diretamente para o arquivo, deixando de inflar os números da Justiça do Trabalho. Isso ocorre porque a obrigação de cobrar o débito é repassada para os bancos, a custo zero para a Justiça.

O projeto-piloto será implantado em uma das varas do trabalho de Belém, e a expectativa é que toda a Justiça Trabalhista no Pará tenha o sistema dentro de seis meses. Se a experiência for um sucesso, a ideia é que ela seja levada para todo o país, inclusive para a Justiça Comum. “Optamos por colocar primeiro na Justiça do Trabalho porque todas as sentenças são líquidas, diferentemente da Justiça Comum, em que há outros tipos de objetos de pedir”, explicou Eliana Calmon.

De acordo com o juiz auxiliar do CNJ, Marcos Melek, a ideia é que as instituições cobrem taxa até 1%, que pode ser paga apenas pelo devedor ou negociada meio a meio com o credor, já que assim ele terá seu crédito satisfeito em um prazo menor.

Link:

http://www.em.com.br/app/noticia/economia/2012/01/30/internas_economia,275138/divida-trabalhista-podera-ser-paga-com-cartao-de-credito.shtml

Valor ECONÔMICO

CSN adquire fábrica na Alemanha

A Companhia Siderúrgica Nacional (CSN), comandada pelo empresário Benjamin Steinbruch, fechou ontem a compra de uma siderúrgica de aços longos do grupo espanhol Alfonso Gallardo situada na Alemanha. O valor da operação, conduzida pela subsidiária espanhola CSN Steel, foi de € 482,5 milhões (US\$ 634 milhões, ou R\$ 1,1 bilhão). A aquisição inclui a distribuidora Gallardo Sections.

O negócio marca a entrada da CSN, tradicional fabricante brasileira de aço plano, com usina em Volta Redonda (RJ) no mercado dos chamados aços longos, produto usado na construção civil e em aplicações industriais. A operação é também mais um avanço da siderúrgica em seu processo de internacionalização: a companhia já tem operações nos Estados Unidos e em Portugal.

Nesse segmento, no momento a CSN constrói uma unidade com capacidade para 500 mil toneladas por ano, voltada para vergalhões e barras, também em Volta Redonda. Após atrasos causados nas obras civis, a unidade deve ficar pronta no último trimestre deste ano. Com isso, passará a competir no Brasil com Gerdau, ArcelorMittal e Votorantim.

A aquisição da siderúrgica alemã ocorre alguns meses depois que a CSN suspendeu, em meados de setembro, a aquisição que envolvia também ativos de cimento e aço na Espanha. Na época, em meados de setembro, justificou a desistência do negócio a "descumprimentos contratuais" por parte do grupo Gallardo.

"Ficamos com a joia da coroa", disse, por telefone, da Alemanha, Juarez Saliba, diretor-executivo de novos negócios e de fusões e aquisições da CSN. Ele explicou que as negociações com o grupo Gallardo foram retomadas no fim de outubro e concentrara-se especificamente nos dois ativos alemães - a siderúrgica Stahlwerk Thüringen (SWT) e a distribuidora de aço Gallardo Sections.

A SWT, observou Saliba, é voltada para atendimento dos mercados alemão e de países do Leste europeu, justamente os que se encontram em melhor situação devido à crise da Zona do Euro. "A usina está rodando com 80% da capacidade instalada", firmou. Segundo a CSN, o ativo maior diversificação de mercados de atuação que a concorrência, atendendo não só a construção não-residencial, mas focada também nas áreas industriais de equipamentos, engenharia e transporte.

A SWT, situada na cidade de Unterwellenborn, na província de Thüringen, no centro do país, é especializada na fabricação de perfis médios e pesados, com capacidade instalada de produção de 1,1 milhão de toneladas por ano. Esses produtos são destinados, por exemplo, à fabricação de construções metálicas, como edifícios, mezaninos, estádios, pontes, viadutos, passarelas, fundações, contenções, galpões, pontes rolantes.

A siderúrgica alemã opera à base de sucata, com fornos elétricos. Segundo a CSN, tem localização favorável para compra da matéria-prima - 70% são oriundos de um raio de 70 a 100 quilômetros. Junto com a distribuidora, a empresa emprega 450 pessoas.



Com o novo ativo, a CSN atinge uma capacidade instalada de produção de aço - plano e longo - de 6,7 milhões de toneladas por ano. A partir de 2013, com a nova usina de Volta Redonda, salta para 7,2 milhões de toneladas.

Segundo Saliba, a CSN contou com financiamento de € 120 milhões por parte de sete bancos que eram credores do grupo Gallardo para fechar o negócio. A empresa vai desembolsar € 320 milhões do seu caixa e assumir dívida da SWT de aproximadamente € 40 milhões.

O diretor informou que não haverá mudança na gestão da SWT. "É uma operação enxuta, com padrão alemão, com dois executivos - um diretor industrial e um administrativo-financeiro, que serão mantidos". Destacou que ao fazer essa aquisição, a CSN comprou também expertise no segmento de aços longos. "Os alemães vão nos ajudar, nos próximos oito meses, com treinamento, a formar o pessoal para nossa usina de aços longos em Volta Redonda", afirmou. A operação de compra do ativo europeu - deixando de lado uma cimenteira e outra usina de vergalhões na Espanha, um mercado em crise - ocorre um mês após o grupo argentino Techint entrar no capital da Usiminas, concorrente da CSN. Steinbruch tentou, via mercado de capitais e diretamente, assumir o controle da siderúrgica mineira, mas não teve sucesso.

Link: <http://www.valor.com.br/empresas/2512820/csn-acquire-fabrica-na-alemanha>

O ESTADO DE S. PAULO

China proíbe meganavios da Vale em seus portos

Ministério do Transporte informou que navios com capacidade superior a 300 mil toneladas XANGAI - O governo chinês não permitirá mais que navios gigantes atraquem em seus portos. Segundo comunicado do Ministério do Transporte do País, a capacidade máxima dos navios será mantida em 300 mil toneladas. A determinação azeda os planos da mineradora Vale de utilizar seus supercargueiros para suprir seu principal mercado de minério de ferro. Os navios da Vale podem carregar até 400 mil toneladas.

Antes, os navios que excediam a capacidade permitida eram avaliados caso a caso, mas o ministério informou, em um comunicado, que navios cargueiros e petroleiros gigantes estão proibidos, medida que entra em vigor imediatamente.

O comunicado foi publicado apenas um mês depois de a Vale tentar descarregar o navio Berge Everest, que levava 388 mil toneladas de minério de ferro, no porto de Dalian. O desembarque gerou protestos da influente associação chinesa de armadores (China Shipowners Association), que tem ativamente pedido que Pequim barre os navios gigantes da Vale. O vice-presidente executivo da associação de armadores, Zhang Shouguo, é ex-vice-diretor da divisão de transporte marítimo do Ministério do Transporte.

Fontes da indústria disseram que a entrada do Berge Everest no porto de Dalian provavelmente ocorreu por uma falha burocrática, uma vez que essas permissões podiam ser emitidas por autoridades das províncias.

O Ministério do Transporte chinês admitiu que sua decisão de proibir navios gigantes também decorre da crise que assola a indústria de navegação do País. Com a desaceleração econômica global, a demanda por embarcações e o custo do frete marítimo caíram, prejudicando fabricantes e operadores de navios chineses.

A frota dos supercargueiros da Vale, mais competitivos que outras embarcações, está ampliando sua atuação no mercado justamente neste momento ruim do setor, alimentando o lobby contrário chinês. A China Shipowners Association e as siderúrgicas disseram que a frota da Vale pode ser um "Cavalo de Troia", que permitiria à mineradora monopolizar os mercados de minério de ferro às custas da China.

Com Pequim mantendo seus portos fechados aos Valemax, como são chamados os megacargueiros, a mineradora terá de depender do transporte mais caro feito por embarcações que fazem o transbordo da carga em outros países na região para abastecer o maior consumidor de minério de ferro. Procurada, a Vale não quis comentar o tema. Mas uma fonte na companhia familiarizada com a situação disse à Reuters que a Vale ainda buscava uma confirmação diretamente com o governo chinês da proibição dos meganavios.

Caso a proibição se mantenha, a alternativa da Vale será atracar os navios em países como Filipinas e Malásia. O primeiro passo para isso já foi dado. O navio Ore Fabrica, o maior navio de armazenagem do mundo, atracou na Filipinas anteontem. Ele servirá como plataforma para transferir minério de ferro dos Valemaxes para navios menores, que seguirão para a China.

Link: <http://economia.estadao.com.br/noticias/neg%C3%B3cios,china-proibe-meganavios-da-vale-em-seus-portos,101329,0.htm>

portosenavios

Indústria volta a crescer e retomada atinge 60% do setor

Autor(es): Por Arícia Martins | De São Paulo

Valor Econômico - 01/02/2012

Depois de um resultado píffio em 2011, a indústria voltou a crescer no último mês do ano. Apoiada nos setores de bens duráveis e de capital, a produção industrial subiu 0,9% entre novembro e dezembro, feitos os ajustes sazonais, mas a melhor notícia no resultado foi o grande número de setores com resultado positivo - dos 27 ramos analisados pela Pesquisa Industrial Mensal - Produção Física (PIM-PF) do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), 16 aumentaram sua produção no período (60% do total). O resultado foi visto por economistas como sinal de que, daqui para frente, o setor deve entrar numa trajetória de retomada lenta e gradual, após o ano perdido para a produção: a expansão foi de apenas 0,3% em 2011 na comparação com 2010.

Os principais entraves à indústria no ano passado, afirmam analistas ouvidos pelo Valor, foram o aperto do crédito, que reprimiu a demanda e provocou acúmulo de estoques, o câmbio valorizado, que favoreceu o consumo de importados, e a crise externa, que piorou na passagem do primeiro para o segundo semestre e afetou a confiança de consumidores e empresários. "O real valorizado durante a maior parte do ano favoreceu a presença de produtos importados de têxtil e calçados no mercado doméstico", avaliou André Luiz Macedo, economista do IBGE.

Como o governo tomou medidas de incentivo à economia no fim do ano passado e o Banco Central está cortando os juros desde agosto, o consumo doméstico deve ser a base da recuperação da indústria em 2012, já que a demanda externa e o câmbio não devem ajudar as exportações, dizem os economistas. Para alguns, a disseminação do crescimento no fim de 2011 reforça o quadro de otimismo para o começo deste ano.

Para Fernanda Consorte, do banco Santander, o dado de dezembro é o início de uma trajetória de ascensão da indústria, que está diminuindo seus estoques e deve apresentar taxas positivas ao longo do ano. "Não vai ser todo mês que a indústria vai crescer 0,9%, mas vai sempre registrar crescimento em relação ao mês anterior", projeta ela.

Fernanda aponta que o avanço do setor de bens de capital no último mês do ano, cuja produção cresceu 3,7% frente a novembro, descontados os fatores sazonais, é um indício de que a confiança dos empresários está aumentando, o que resulta em produção maior mais à frente. O resultado foi influenciado pela aceleração na produção de caminhões em dezembro porque em janeiro entrou em vigor uma nova legislação de emissão de poluentes, mas também cresceu o indicador de bens de capital para uso industrial.

A categoria de uso que mais se destacou na passagem de novembro para dezembro foi a de bens duráveis, que cresceu 7% na série dessazonalizada. A redução do IPI para parte da linha branca aumentou a produção nesse segmento (6% sem ajuste sazonal), mas o setor de veículos automotores foi a principal influência positiva para o resultado geral, avaliam os economistas ouvidos. A indústria automobilística, que tem peso de 7% no indicador geral, registrou expansão de 5,2% no período, de acordo com o IBGE, nesse caso descontados os efeitos sazonais.



Segundo Thovan Tucakov, da LCA Consultores, ainda é cedo para concluir que a reversão parcial das medidas macroprudenciais já está soltando as amarras sobre o crédito e impulsionando a demanda, avaliação feita por Fernanda, do Santander. "A indústria responde rápido a isso", afirma a economista, para quem a produção deve aumentar 2% este ano.

Se até agora os efeitos dos estímulos sobre a produção ainda não foram claros, pondera o analista da LCA, eles devem aparecer com mais força no segundo trimestre de 2012, quando a indústria já tiver concluído seu processo de ajuste de estoques e estiver pronta para atender o mercado doméstico, aumentando a atividade nas fábricas. Por outro lado, a demanda externa enfraquecida e o câmbio valorizado continuarão presentes em 2012, dificultando uma retomada mais forte da produção.

A LCA espera um câmbio médio em torno de R\$ 1,70 em 2012, diante de R\$ 1,67 registrado em 2011. "Não será do lado do câmbio que teremos alívio. Em um cenário de crise, os recursos continuarão sendo direcionados para países emergentes, que terão crescimento melhor do que economias maduras. Além disso, mesmo com o ciclo de redução de juros, o diferencial do Brasil em relação a outros países seguirá grande", explica Tucakov, que prevê crescimento de 2,5% da produção este ano.

A MB Associados trabalha com um cenário um pouco mais pessimista para a indústria em 2012, sem esperar maiores efeitos da política econômica, comenta Sérgio Vale, economista-chefe da consultoria. Para ele, uma retomada modesta do setor deve ocorrer somente no segundo semestre. "Esse 0,9% me parece mais um respiro de fim de ano. Há uma perspectiva complicada para o primeiro semestre, quando ainda continuaremos vendo números bastante fracos."

O Instituto de Estudos para o Desenvolvimento Industrial (Iedi) viu com certo otimismo o resultado de dezembro, mas não aposta em um desempenho brilhante do setor em 2012, ano que será marcado pela volatilidade do câmbio e por nova onda de importações, segundo Rogério César de Souza, economista-chefe da entidade. "É um aumento de importados que não é para completar a produção nacional. É para tomar o lugar, mesmo." (Colaborou Diogo Martins, do Rio)

Link: <http://www.portosenavios.com.br/site/noticias-do-dia/geral/13928-industria-volta-a-crescer-e-retomada-atinge-60-do-setor>

O ESTADO DE S. PAULO

MG volta a discutir projeto que pode afetar CSN e outras empresas

ALBERTO ALERIGI JR. - REUTERS

SÃO PAULO, 1 FEV - A câmara dos vereadores de Congonhas (MG) volta a discutir na semana que vem o projeto de tombamento da região no entorno da Serra Casa de Pedra, que pode afetar futuros empreendimentos de mineração, entre eles a mina de mesmo nome da CSN.

A CSN, que tem faturado mais com a venda de minério de ferro que com a comercialização de aço, quer ampliar sua mina, localizada próxima da Serra Casa de Pedra, de uma produção atual de cerca de 20 milhões de toneladas por ano para 89 milhões até 2015, podendo chegar a 100 milhões.

A ampliação da mina enfrenta resistências diante de dúvidas sobre possível ameaça ao perfil da serra que faz parte da paisagem de Congonhas e aos mananciais que abastecem a cidade, que abriga o santuário de Bom Jesus de Matosinhos, esculpido por Aleijadinho e protegido pela Unesco.

A discussão sobre a expansão da exploração mineral na serra vem acontecendo desde 2007, quando a CSN anunciou seus planos de expansão da mineração.

"Minha intenção é acabar com isso logo, não postergar mais. Estamos em ano eleitoral e o povo pede uma resposta", disse o presidente da Câmara dos Vereadores de Congonhas, Eduardo Matosinhos (PR), à Reuters, acrescentando que espera uma decisão dos vereadores sobre a expansão neste semestre.

Com a volta da casa de recesso parlamentar, a intenção do vereador é acelerar a discussão pelas comissões da Câmara, convocando licitação para contratação de empresa que fará uma "leitura técnica" de propostas da CSN para a ampliação da mina.

"A mina de Casa de Pedra é uma das maiores do mundo, queremos uma linguagem independente para sabermos se (a proposta da CSN) tem consistência", disse Matosinhos, afirmando que acredita que a avaliação da proposta da siderúrgica pela empresa a ser contratada vai levar 90 dias. "Terminado isso, (a expansão de Casa de Pedra) vai a voto."

Por meio de sua assessoria de imprensa, a CSN informou que "participa desde 2007 das discussões públicas sobre a definição da poligonal do tombamento da Serra Casa de Pedra e acredita que é possível conciliar a preservação ambiental com a atividade mineradora na região".

"Estamos aguardando a CSN discutir com a sociedade (...) Do jeito que está, o projeto (da CSN) não passa não", disse o vereador Adivar Barbosa (PSDB). "A serra faz parte do conjunto paisagístico da Serra de Casa de Pedra", acrescentou, afirmando que 80 por cento da água de Congonhas é abastecida pela serra.

Link: <http://economia.estadao.com.br/noticias/economia+negocios,mg-volta-a-discutir-projeto-que-pode-afetar-csn-e-outras-empresas,101475,0.htm>

seculodiario.com

O Espírito Santo
sem segredos

Vale compra mais terras em Itapemirim

Lentamente a Vale está avançando seus investimentos no Espírito Santo. A informação divulgada pelo jornal A Tribuna, é que a empresa adquiriu um terreno de mil hectares, junto à rodovia ES-060 e ES-487 para construir uma siderúrgica. A medida segundo ambientalistas, é sinal de um desmembramento do antigo projeto da Vale para a construção de uma siderúrgica no sul, em parceria com a Baosteel.

Eles explicam que, após ter tido o projeto da gigante Baosteel negado pelo governo do Estado, a Vale licencia a Companhia Siderúrgica de Ubu (CSU), em Anchieta, sul do Estado e vem ocupando áreas em Itapemirim, também para a construção de uma siderúrgica. Desta forma a empresa ocupará a mesma área prevista pela antiga Baosteel.

A intenção da Vale de construir uma siderúrgica em Itapemirim foi anunciada em 2009, pelo então presidente da Federação das Indústrias do Espírito Santo, Lucas Izoton, após a divulgação de que, através de um decreto-lei, o município havia desapropriado uma área de 500 alqueires (cerca de 2,4 milhões de metros quadrados).

Visto que o processo da CSU é marcado por atropelos e inúmeras contestações judiciais, a notícia não é boa para os ambientalistas. A previsão é que com ambas as siderúrgicas e a produção da siderúrgica da Ferrous, em Presidente Kennedy, o Espírito Santo poderá quadruplicar sua produção e, conseqüentemente, a poluição atmosférica no Estado.

Entre outros impactos pontuados por ambientalistas está o inchaço populacional, considerado um dos maiores entraves para a construção das siderúrgicas no sul do Estado, onde já existem bolsões de miséria formados após a construção da Samarco Mineração S.A da região.

Com forte apoio do poder público, o maior desafio, portanto, é obter informações claras sobre as intenções da empresa. Até o momento, ela não confirmou a construção de um empreendimento na região, porém, confirmou a aquisição de áreas na região.

Em Anchieta, além da falta de diálogo alegada pela sociedade civil organizada, a construção da siderúrgica em Ubu também atropela a decisão do próprio governo do Estado – que voltou atrás em favor do novo projeto –que decidira no passado negar a instalação da siderúrgica Baosteel na região devido à falta de disponibilidade hídrica para comportar o projeto sem causar prejuízos à sociedade.

Para os ambientalistas, as duas localidades no sul do estado apresentam complicadores. Em Itapemirim, a indústria dependerá do rio Itapemirim, que se encontra degradado, e para os ambientalistas não terá vazão para abastecer o município e a indústria. Em Anchieta, o problema também se deve a indisponibilidade hídrica e também a sobrecarga de poluentes no ar, já registrados acima do limite permitidos por Lei na região.

Para a região sul, que já alcança 91% do limite de poluentes estabelecido pelo Conselho Nacional de Meio Ambiente (Conama) em Anchieta, mais duas siderúrgicas, uma para Ubu e outra para Itapemirim, representará uma ameaça para a qualidade de vida na região formada por balneários turísticos.

Ums velha ideia

O projeto da Baosteel para Ubu, anunciado pela Vale e pelos chineses em agosto de 2008, previa a criação da Companhia Siderúrgica Vitória (CSV), que deveria entrar em produção em 2012 com capacidade para produzir 5 milhões de toneladas de aço por ano. O investimento era de R\$ 10 bilhões, com geração de 15 mil empregos diretos.

Link: http://www.seculodiario.com.br/exibir_not.asp?id=48182

